

# O MITO NA SOCIEDADE ATUAL

Maiquel José Seleprin\*

## Resumo

O presente artigo partirá duma análise do que é o mito de como ele surgiu entre os povos antigos. Abordaremos a presença do mito ao longo da história da Grécia antiga. Os mitos atuais, na sua grande maioria, não possuem uma coerência entre si. Dentro dessa reflexão analisaremos a ligação que o mito tem com a explicação da realidade e de como ele une determinados grupos, os quais encontram no mito um ponto em comum e um retorno ao início, aos tempos primordiais.

**Palavras-chaves:** Mito. Grécia. Atualidade. Sociedade.

## 1. OS MITOS E A SUA ORIGEM

Os mitos podem ser entendidos como representações de verdades profundas da mente, e as uniões deles em conjunto, de acordo com suas origens, formam as diversas mitologias que conhecemos. A consciência humana afirma-se desde sua origem como estrutura do universo. Na antiguidade, o mito reina sem rival, pois é um tempo em que o mito não é reconhecido como tal. Analisaremos a evolução dos mitos dentro da sociedade grega e de como ele se adapta à realidade e à cultura de um determinado povo. Analisar a importância do mito na explicação do mundo grego é falar de como, aos poucos, ele foi se desligando da totalidade da realidade para se tornar algo particular de determinada parcela da população. Ainda como parte da reflexão, analisaremos a ligação do mito com a explicação da realidade e de como ele une determinados grupos, os quais encontram no mito um ponto em comum. Deve-se entender a

linguagem *do mito* enquanto objeto de uma experiência numinosa (*sagrada*) arcaica. Esta experiência da linguagem está profunda e inextricavelmente ligada a uma certa concepção arcaica da linguagem, a uma certa concepção arcaica de tempo, a uma concepção arcaica de Ser e de Verdade.<sup>1</sup>

---

\* Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia pela PUCPR.

<sup>1</sup> HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**, pg. 14.

Itálico meu.

O mito é para quem o vive, uma forma de realidade, é para o mundo inteligível que dele nasce, uma totalidade indefinível. Configura o mundo em seus momentos primordiais, relata uma história sagrada; propõe modelos e paradigmas de comportamento; projeta o homem num tempo que precede o tempo; situa a história e os empreendimentos humanos num espaço indimensionável, define os limites intransponíveis da consciência e as significações que instalam a existência humana no mundo. O mito é uma forma de narrativa. Os mitos apresentam-se como possível explicação ou interpretação da realidade e dos acontecimentos. Para quem vive o mito, ele é a única história verdadeira, proposta numa linguagem acessível à gênese do mundo, das coisas e do homem. Os mitos reproduzem ou repropõem gestos criadores e significativos, que permanecem sustentando a realidade constituída.

A realidade mítica é sempre cósmica, porque todas as coisas propostas constituem um cosmos. Não são objetos perdidos num todo desordenado. O cosmos mítico não é opaco e fixo em sua realidade ontológica. É um mundo ordenado e vivo, transparente, harmonioso, festivo, mas, acima de tudo, profundamente coeso em sua unidade. O mundo real apresenta-se sempre como uma totalidade. A realidade é uma só, em sua consistência final.

O sobrenatural está presente na natureza, participando na constituição dos fenômenos vividos ou admirados. Isto não significa que os homens fechassem os olhos diante da realidade e dos fenômenos da natureza. Eles percebiam a existência de fenômenos naturais, como a chuva, a tempestade, a maré, a vegetação, a seca, a umidade, o vivo e o não-vivo, e percebiam igualmente a relação que há na natureza, entre causa e efeito, bem como a diferença entre condições favoráveis e desfavoráveis. Não possuem, porém, nenhuma razão para refletir sobre as ligações entre fenômenos que se verificam sempre. Acontecem por si, existem, aproveita-se deles e isto basta.

Se analisarmos a obra de Aristóteles, *A Poética*, podemos distinguir três significados para o mito: uma forma atenuada de intelectualidade; uma forma independente de pensamento ou de vida e ainda como um instrumento de controle social. O mito entre os clássicos é tido como uma forma inferior ou até mesmo

deformada do pensamento intelectual, ou seja, os gregos atribuíram ao mito apenas uma verossimilhança com a verdade. Juntamente com essa inferioridade atribuída ao mito, em determinados casos, é atribuída uma validade religiosa e moral. Essa atribuição se dá devido á incapacidade de se poder demonstrar claramente a sua validade através de raciocínios abstratos o que no campo da moral e da religião, não se faz mister provar a sua validade através de raciocínios lógicos. Assim, o mito ensina o homem a ter certa conduta em relação aos seus semelhantes e outra em relação aos deuses. Entre os gregos, o mito sobressai-se como uma forma autônoma de pensamento e de vida. O mito possui vida própria, ele não precisa de uma validação por parte do intelecto, o que não faz com que ele deixe de ter o seu grau e validade entre os homens, principalmente entre o grupo de pessoas no qual nasceu. O mito desempenha uma função social, ou seja, determinado grupo de pessoas une-se e tem no mito o principal ponto de união.

A função do mito não é, primordialmente, explicar a realidade, mas acomodar e tranquilizar o homem em um mundo assustador. Para o filósofo romeno Mircea Eliade (2002) uma das funções do mito é fixar modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas. Dentro da sociedade grega antiga, os mitos são de natureza sobrenatural, como, por exemplo, o mito preocupado com a origem divina da técnica, da natureza divina dos instrumentos, da origem da agricultura, da origem dos males, da fertilidade das mulheres, do caráter mágico das danças e desenhos etc. Percebe-se nestas formas míticas de explicar o mundo, uma profunda relação entre mito e natureza.

Antes de iniciar a exposição da presença e da função do mito na sociedade grega do século IX ao VI a.C., exporemos e analisaremos brevemente o Mito de Prometeu, o qual é o primeiro mito do qual se possui uma referência escrita. Esse mito foi escrito por Hesíodo (século VIII a.C.) e está presente em duas obras suas, na *Teogonia* e em *Os Trabalhos e os Dias*. Eis o mito:

Condenados, desde o seu nascimento, aos tormentos e aos cuidados, os primeiros homens não tinham, para nutrir-se, senão frutas cruas e carnes sangrentas. (...) Tomado de piedade por sua miséria, Prometeu, para colocar os homens em situação de viver melhor, de defender-se com armas eficazes contra as feras, de cultivar com instrumentos adequados a nutriente Terra, resolveu dar-lhes o fogo e ensinar-lhes, com a arte de trabalhar os

metais, os meios de escapar à sua deplorável e lamentável sorte. (...) Aproximando-se das forjas abrasadoras de Hefestos, roubou uma centelha do fogo que fundia os metais (...) e levou-a, como oferenda, aos homens. A humanidade desde então conheceu, com o fogo, a felicidade de viver melhor, de comer um alimento menos selvagem, de aquecer-se, de receber a luz. Mas, em sua alegria imoderada, ela julgou-se igual aos poderes divinos, esquecendo seus deveres para com os mesmos. Zeus, então, que não quer que os homens saiam dos justos limites, colocando seus desejos mais altos que seus destinos, resolveu castigar aquele cujo roubo havia ocasionado esta presunção sacrílega. Transportou Prometeu para o mais alto cume do Cáucaso e mandou Hefestos pregar o Titã a um rochedo escarpado. Contra a vontade, o divino ferreiro obedeceu.

(...) Para cúmulo do infortúnio, todas as manhãs, uma águia de asas abertas ia pastar em seu fígado imortal, e esse monstro de garras recurvas devorava, durante o dia, tudo quanto, à noite, aí podia renascer. Esse suplício deveria durar mil anos, mas, ao fim de trinta anos, Zeus, apaziguado, perdoou o culpado, consentindo então em introduzi-lo entre os Bem-aventurados.<sup>2</sup>

No mito de prometeu existe, de um lado, o homem, o qual age no mundo, e do outro, os deuses, os quais punem ou recompensam. No mito o homem é caracterizado como previdente/sutil e ao mesmo tempo irreflexivo/estúpido. Os deuses e os homens estão separados. Este último recorre ao primeiro para tentar explicar o seu mundo. Essa divisão se inicia justamente com o mito prometéico. No Mito de Prometeu estão correlacionados os vários âmbitos da sociedade grega: o fogo (como significando o roubado); a mulher e o casamento (que implica o nascimento e a morte); a agricultura de cereais e o trabalho. Dentro da sociedade grega, esses aspectos sociais servem como um quadro de referência para a definição do homem, o qual é diferente dos animais e dos deuses, ou seja, todos os traços que o Mito de Prometeu retém para diferenciar os homens e os deuses, também podem ser usados para fazer a diferenciação entre homens e animais.

A concepção de mito que temos é uma herança de nossa cultura ocidental. O mito nos é apresentado como aquilo que não é. Ele se opõe ao real, por um lado, e ao racional, por outro. Dessa maneira, para obter uma compreensão do que é o pensamento mítico, precisamos partir dessa moderna forma de interpretação. Quando nos referimos a um determinado mito, faz-se mister estar consciente do que está presente no contexto daquele determinado mito. Todo mito tem um estatuto social e intelectual; todo mito tem a sua linguagem e o seu pensamento próprio.

---

<sup>2</sup> MEUNIER, M. **A legenda dourada: nova mitologia clássica**, pgs. 80-81.

## 2. A MITO NA SOCIEDADE GREGA

Para os gregos, a forma mítica antecede o nascimento do pensamento filosófico. O mito foi a primeira maneira encontrada pelo homem para explicar a realidade na qual se encontrava imerso. Os gregos conceituavam o mito como uma intuição compreensiva da realidade fundamentada na emoção/afetividade, o mito expressa aquilo que o homem deseja e o que ele teme. É um relato fabuloso de algo que ocorre no tempo, na história e no começo das coisas; é um relato que personifica as forças do bem e do mal. O mito surge frente a situações limites para o homem. A força do imaginário coletivo é a sua principal força, ele precisa da força da palavra; não é apenas a explicação para algo que se compreende, mas também o acomodante e o tranquilizante para o mundo que se apresenta como assustador.

Antes de surgirem os sofistas, e depois também, mas não mais com tanta intensidade, a sociedade grega era muito religiosa. Percebemos a religiosidade grega através do grande Panteão de deuses. Na sociedade grega, os homens e os deuses possuíam vínculos muito estreitos. Para termos uma idéia, um deus grego era caracterizado por ter aparência de homem, mas um homem perfeito, ou seja, dotado de todas as capacidades humanas com um poder divino. Essa visão grega dos deuses influenciou em muito toda a sociedade. Como os gregos temiam os castigos que provinham dos deuses, castigos que, às vezes, não afetavam apenas um único indivíduo, mas poderiam até mesmo atingir toda a comunidade. Para manter a ordem dentro da sociedade, as regras e os ritos eram usados para demonstrar o respeito para com as divindades e eram rígidos e deveriam ser seguidas fielmente. Os deuses moravam no Olimpo. Entretanto, esporadicamente, um deus visitava a terra e tinha algum tipo de relação com os humanos, por exemplo, Zeus, que se uniu a uma mulher humana, união da qual nasceu Hércules (figura mítica que era meio homem e meio deus). Tudo dentro da sociedade grega era sagrado. Os gregos tinham deuses para tudo: deus da guerra, deusa do amor, deus do submundo etc. Daí o vínculo estreito entre os homens e os deuses. Isso na época em que somente o discurso oral do mito existia.

Com o nascimento do pensamento filosófico, o qual se deu primeiramente na Grécia, o mito, justamente com a sua explicação do início do mundo, perdeu a sua importância. Os primeiros filósofos, os quais estavam preocupados em descobrir a *arché*, o princípio, que teria dado a existência ao mundo, trouxe uma nova forma de ver e também de tentar dar uma explicação da origem do mundo físico. Com o surgimento dessas novas formas de ver o mundo, o mito começou a ser questionado pelos gregos e, aos poucos, descartada a sua explicação de mundo. Os filósofos começaram a questionar a relação que os homens possuíam para com os deuses, pois, os deuses não poderiam ter formas iguais aos humanos e serem apenas um aperfeiçoamento do homem comum.

O mito começa a perder o seu prestígio e o seu encanto a partir dos sofistas. A narração mítica, nos diferentes grupos onde surgia, compreendia um discurso agradável a quem quer que fosse o ouvinte. Era uma forma de encantamento, o qual envolvia o ouvinte e a todos que o ouviam, processo que fazia surgir nas pessoas uma comunhão afetiva. Com o início da sofística e dos discursos lógicos, o mito começou a perder o seu encantamento. A sofística trouxe consigo uma determinada maneira de se discursar, a qual deveria obedecer a uma seqüência lógica de pensamentos. Iniciou-se a redigir os mitos, deixando de ser o mito apenas um discurso oral. Com o início da redação dos mitos, a narrativa tornou-se algo que obedecia às normas, as quais deveriam ser observadas na escrita da época. A narrativa mítica perde a sua identidade de narração livre e torna-se um discurso medíocre, que a partir de agora está preso às regras lingüísticas. As regras da escrita prendem o mito, pois, agora o próprio texto terá que se sustentar autonomamente, deverá ser escrito de forma que possa sustentar-se a si mesmo, ou seja, as regras “exigem de um discurso que este seja a cada momento capaz de prestar contas a quem as pede ou, o que dá no mesmo, de prestar contas de si, dando claramente a entender do que fala como fala do assunto e o que diz dele.”<sup>3</sup>

A linguagem empregada pelos autores como Hesíodo e Homero desapareceu para dar lugar às dissertações filosóficas, as quais começaram a ser escritas pelos sofistas. A partir do historiador Tucíades (século VIII a.C.), o pensamento grego

---

<sup>3</sup> VERNANT, Jean-Peierre. **Mito e Sociedade na Grécia Antiga**, p. 177.

toma um rumo diferente. Os textos que começaram a surgir nesse período referiam-se a coisas que aconteciam no cotidiano das pessoas, coisas que foram vividas, o que exigia do texto uma ligação desse com a verdade. O mito, que era lido como algo que aconteceu em épocas anteriores, não está em vias de poder ser comprovado pela experiência. Esse fato criou certa suspeita quanto ao seu conteúdo, pois, quem poderia dar alguma certeza de que aquilo que estava sendo dito ou escrito sobre os deuses e sobre a criação do mundo, de fato acontecera daquela maneira. Assim, os escritos míticos, foram aos poucos perdendo os seus valores iniciais e apenas considerados como lendas ou fábulas, o que, aliás, se pensa atualmente sobre os mitos antigos.

Para os gregos, o mito era o único que conseguia dar conta de como a mundo teria sido criado. A origem de todas as coisas estava contida nas narrativas mitológicas. O grego buscava no mito a razão dele estar no mundo, de desempenhar a tarefa que estava desempenhando. Tudo girava em torno dessa explicação, pois, era a única que conseguia dar um sentido para a existência do homem no mundo. O mito estava presente em todas as classes sociais da Grécia e interferia diretamente em todas as relações entre os indivíduos e nas relações do homem para com as divindades.

Para concluirmos a nossa explicação quanto ao mito na Grécia, cabe uma última colocação. Em nenhuma outra sociedade da antiguidade percebe-se o quanto o mito inspirou e guiou a tragédia, a comédia, a poesia épica e as artes plásticas. Outro aspecto significativo e não menos importante foi a análise detalhada e penetrante do mito, o que fez com que os mitos fossem desmistificados. Podemos concluir que o mito estava presente no dia-a-dia dos gregos e usado por estes para explicar as suas regras de vida, além de ser uma expressão do seu mundo literário.

### **3. O MITO NO CONTEXTO ATUAL**

O mito possibilita ao homem um conhecimento anterior das coisas, que aquilo ao qual ele se empenha já foi feito por alguém, excluindo toda e qualquer dúvida. Poderíamos nos perguntar: Por que temer em fazer uma expedição marítima quando

um Herói mítico já a efetuou em um tempo fabuloso? Basta apenas que se siga o seu exemplo. Essa visão de mundo permite ao homem das sociedades onde o mito é algo presente e vivo uma visão aberta do mundo, mesmo quando este lhe parece fragmentado e misterioso.

O mundo, no qual o homem se encontra, constantemente lhe está falando. Para que este homem possa compreender o mundo no qual se encontra, a linguagem e o conhecimento dos mitos são fundamentais para que se possa aprender a decifrar os símbolos.

A vida de todo o homem não acontece num mundo opaco e inerte. O homem, a partir do momento em que consegue decifrar e fazer a leitura do mundo que está à sua volta, depara-se com o mistério. Os gregos percebiam que a Natureza, ao passo que permite o conhecimento de determinadas realidades sobrenaturais, do outro, camufla e esconde. Esse movimento da Natureza é para o homem grego o mistério fundamental e irredutível que acontece no mundo. O conhecimento que o homem adquire sobre a Natureza somente é possível porque ele se utiliza da mesma linguagem, que é o símbolo. Sendo a narração mítica impregnada de simbolismos, torna-se a forma mais confiável e verdadeira de explicação das coisas sobrenaturais. Portanto, na sociedade grega, os mitos alcançaram tamanha popularidade devido ao seu fantástico enredo, criando para tanto na comunidade modelos e fontes de inspiração.

Em nossa sociedade moderna, muitos comportamentos míticos ainda aparecem aos nossos olhos, não que isto se trate de uma sobrevivência da mentalidade antiga, mas devido a alguns aspectos e funções do mito, os quais fazem parte do ser humano.

Percebemos como na sociedade grega o mito era um retorno às origens, retorno este que pode ser feito de diversas maneiras. Esse mérito do retorno às origens está fortemente presente na sociedade européia, ou seja, quando é tomada a cabo alguma inovação, está é apresentada e concebida como um retorno ao tempo primordial. Citaremos dois exemplos para facilitar o entendimento dessa questão: o primeiro, é a Reforma na Igreja Católica. A Reforma iniciou um retorno à Bíblia e fez com que a Igreja como um todo ambicionasse e vivesse a antiga



experiência dos primeiros cristãos. O segundo exemplo é o da Revolução Francesa. Esta revolução possui como fontes de inspiração as sociedades de Esparta e de Roma.

No início da modernidade, a questão da origem era algo que denotava uma importância e um prestígio fascinantes, pois, se dizia que, se houvesse uma origem bem estabelecida, como resultado ter-se-ia uma sociedade nobre. “Temos a nossa origem em Roma!”, repetiam com orgulho os intelectuais romenos dos séculos XVIII e XIX”.<sup>4</sup> No início do século XIX, a idéia de uma origem nobre gerou na Europa Central e no Sul-Oriental uma insaciável paixão pela história nacional, uma paixão que remontava as fases mais antigas dessas nações. Essa paixão pelas origens nacionalistas, rapidamente despertou nas nações e tornou-se um instrumento de propaganda e, mais ainda, um instrumento de luta política. Percebemos claramente como o mito está vivo e como está se tornando um meio de enaltecimento e até de conflitos entre os povos. Esse forte desejo de provar a origem nobre de cada uma dessas nações européias dominou de tal forma o pensamento dessas sociedades que acabou caindo num provincialismo cultural. Como exemplo desse provincialismo cultural, dessa paixão pela “origem nobre”, temos o mito racista do arianismo, o qual foi revalorizado e difundido no Ocidente principalmente pela Alemanha. Não insistiremos no contexto sócio-político desse mito, mas na sua origem. O Ariano pretendia-se um representante do ancestral primordial, dessa forma possuindo uma origem nobre. Sendo de uma origem nobre, ele estava dotado de virtudes, as quais não haviam ainda sido assimiladas por todos, sobretudo daqueles ideais que remontavam às revoluções de 1789 e 1848. O homem ariano pretendia-se o modelo exemplar, devendo por isto ser seguido e imitado por todos, pois, acreditava-se que dessa forma se recuperaria a pureza das raças, da força física e de um princípio onde tudo fora glorioso.

Em nossa sociedade, as estruturas míticas estão fortemente presentes nas imagens e nos comportamentos que são impostos às pessoas através da mídia. Esse fenômeno é mais perceptível principalmente na sociedade dos Estados Unidos. As personagens das histórias em quadrinhos trazem presentes em seus

---

<sup>4</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**, p. 157.

desenhos e em seus diálogos os heróis mitológicos ou folclóricos. Essas personagens encarnam de tal maneira os ideais da sociedade que, a qualquer mudança que aconteça nas suas formas de agir ou, em casos mais específicos, em se tratando da morte de um herói dos quadrinhos, ocasiona verdadeiras crises nas pessoas que são leitoras assíduas dessas histórias. Como exemplo para ilustrar essa nossa afirmação, usamos o exemplo do herói chamado Superman. Esse personagem dos quadrinhos tornou-se popular devido a sua dupla identidade. “[...] oriundo de um planeta destruído por sua catástrofe, e dotado de poderes prodigiosos, ele vive na Terra sob a aparência modesta de um jornalista, Clark Kent; Clark se mostra tímido, pagado, dominado por sua colega Miriam Lane.”<sup>5</sup> Em suma, esse mito do Superman, representa os anseios do homem moderno, o qual, consciente da sua limitação, sonha com um futuro brilhante, de um vir a se tornar alguém importante, um herói.

Outra demonstração do mito em nossa sociedade são os romances policiais. A pessoa que é leitora desse gênero de literatura depara-se com a narração de uma luta entre o bem e o mal, entre o herói e o criminoso. Essa leitura desperta nas pessoas, de forma inconsciente, uma projeção e uma identificação dela com a história. O leitor tem a nítida sensação de estar envolvido numa trama perigosa e heróica.

Os comportamentos míticos podem ser percebidos em toda forma de obsessão pelo sucesso, o que é algo muito forte na sociedade moderna, pois, a pessoa projeta nos heróis míticos que são apresentados pela sociedade o seu obscuro desejo de transcender a condição humana. Eliade cita como exemplo, o culto que prestamos aos automóveis. Para que as lojas consigam obter sucesso nas vendas de seus automóveis fazem de tudo para encantar e conquistar os seus compradores. Podemos comparar esse “ritual” da venda com um ofício litúrgico.

(...) basta visitar o salão anual do automóvel para nele reconhecer uma manifestação religiosa profundamente ritualizada. As cores, as luzes, a música, a reverência dos adoradores, a presença das sacerdotisas do templo (as manequins), a pompa e o esplendor, o esbanjamento de dinheiro, a multidão compacta - tudo isso representaria, em qualquer outra cultura,

---

<sup>5</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**, p. 159.

um ofício nitidamente litúrgico. O culto do carro sagrado tem os seus adeptos e iniciados.<sup>6</sup>

Outra forma de comportamento mítico são os chamados mitos da elite, os quais se apresentam ao público nas criações artísticas e na sua grande repercussão social e cultural. Esse tipo de mitos atingiu um êxito muito grande quando saiu dos círculos artísticos fechados, devido ao grande complexo de inferioridade do público em geral e pela precariedade dos círculos artísticos tradicionais. Os atuais artistas, como em nenhuma época passada da história, estão cientes de como é vantajoso ser audacioso, iconoclasta e absurdo, pois, quanto mais aparecem essas qualificações, tanto mais o artista será reconhecido, mimado, idolatrado. Essa forma de proceder dos artistas leva-os a amoldarem-se conforme a imagem mítica, aparecendo estranhos e sempre produzindo algo de novo. Esse fenômeno cultural torna-se cada vez mais significativo e tanto mais considerável por não mais haver uma tensão entre os artistas, os críticos e o público, pois, na atualidade, todos estão sempre de acordo. A única coisa que realmente importa, é que não se venha, um dia, a ter que admitir que não se compreendesse a real importância de uma nova experiência artística.

Frente esta mitologia, que está presente nas elites modernas, são possíveis algumas considerações. Primeiramente, falaremos do lugar que ocupa a redentora função da dificuldade, sobretudo como ela se apresenta nas obras de arte moderna. Se as pessoas sentem um desejo de ouvir música atonal é porque essa obra representa um mundo fechado e, a penetração por parte de alguém que não faz parte desse mundo, é algo dificultoso, o que poderia ser comparado aos ritos iniciatórios das sociedades antigas, onde o jovem deveria passar por uma série de provas antes de poder ser considerado membro de um grupo. Entretanto, se de um lado existe este sentimento de iniciação, o qual se extinguiu do mundo moderno, por outro lado, proclama-se aos outros que se é membro de um determinado grupo.

Essa atração pela dificuldade impossibilita a descoberta de um novo sentido. As pessoas têm o sonho de serem iniciadas, em poder fazer a leitura e compreender o oculto sentido das diversas destruições das linguagens artísticas. Pois, o que

---

<sup>6</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**, p. 160.

percebemos são cartazes dilacerados, as telas que vemos são vazias de sentido, os espetáculos são improvisados, os atores decidem por sorte a quem caberá a próxima cena dentro de uma determinada peça de teatro.

Outro comportamento mítico é o que tange à literatura. É de conhecimento nosso que a literatura, especialmente a literatura épica e os romances, prolongam a narrativa mítica. Em ambos os casos, é contada uma história significativa na qual se passa uma série de eventos que ocorreram no tempo fabuloso. O que queremos ressaltar é que a narração, principalmente o romance, assumiu o lugar que cabia à recitação dos mitos e dos mais variados contos nas tradicionais e populares sociedades, ou seja, é possível encontrar dentro dos romances certa estrutura mítica, a qual preza pela sobrevivência literária de grandes personagens míticos e de temas referentes à mitologia. Podemos daí concluir que o desejo do homem moderno de gostar da leitura de romances é um profundo desejo seu de ouvir um considerável número de histórias mitológicas, mas que no romance aparece desacralizada ou camuflada sob uma forma profana. O que mais aproxima os mitos dos romances é a “saída do tempo” que ambas as narrativas possibilitam. “O tempo que se ‘vive’ ao ler um romance não é, evidentemente, o tempo que o membro de uma sociedade tradicional reintegra, ao escutar um mito”.<sup>7</sup> Porém, tanto no mito quanto no romance, acontece uma “saída” do tempo pessoal e histórico e o mergulho em um tempo fabuloso. O leitor depara-se com um tempo imaginário, estranho, pois, cada narrativa tem o seu ritmo e o seu tempo próprio, exclusivo e específico. Porém, o romance não possui o acesso ao tempo primordial dos mitos, mas, na medida em que é contada uma história fictícia, o autor do romance utiliza-se de um tempo histórico, o qual dispõe de todas as liberdades do mundo imaginário.

Temos uma tendência quase que natural e uma idéia de que a filosofia, a razão, seria de alguma forma superior ao mito. A filosofia responderia perguntas que o mito não responde, enfim, teria um traço de superioridade em relação ao mito. Esse otimismo da razão nós vamos encontrar em Sócrates e em Platão. A idéia de que existe um bem em si que pode ser alcançado por um desmembramento, por uma dialética, por um exercício da razão e que esse exercício da razão pode chegar

---

<sup>7</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**, p. 164.

à essência do mundo, enquanto esse bem em si, está, no caso de Platão, no mundo das idéias. No momento em que não se consegue chegar ao sumo bem, o que faz a filosofia senão perguntar se o método que está sendo empregado está sendo bem empregado, pois, em última instância, se eu der o bom funcionamento, o bom desdobramento do intelecto eu vou chegar ao sumo bem, eu vou chegar a contemplar as idéias. Entretanto, isso é uma sobrevalorização da razão, que acaba lançando a hipótese, de que o intelecto humano poderia conhecer a essência do mundo e isso tudo através de um desdobramento, de uma lógica imperturbável que seria feita, seria dada por um método filosófico.

Na narração mítica vemos que o autor consegue transmitir algo de belo, na medida em que traduz, dá um significado para isso de que está falando. Ao invés de ver o bárbaro, o grego vê nos seus antepassados o herói, a beleza de seus heróis, a beleza dos grandes feitos e de certa maneira ele consegue assimilar essa história.

O mito é tanto uma narrativa fechada ao mesmo tempo em que é uma narrativa aberta. Fechada por que é determinada pela cultura e presa a isso; aberta porque tenta explicar às outras culturas o seu lugar. Quando tratamos dos mitos, uma coisa de relevância primordial na nossa mente é que o corpo aprende antes da mente. O corpo constrói a experiência empírica, constrói o racional. Atualmente, no Ocidente, nós melhoramos o nosso conteúdo enquanto crescemos e evoluímos. Entretanto, o que está acontecendo no Ocidente é uma destradicionalização, ou seja, o sagrado está se tornando cada vez mais profano e o profano sempre mais se aperfeiçoando. Os pólos, as direções são diferentes da organização que existia na época dos mitos. O mito é afetado hoje devido a diversos fatores da globalização Ocidental, e cada vez mais está tentando explicar a partir de si as mais diversas formas como a realidade se nos apresenta.

Dessa maneira, os traços do comportamento mitológico, aparecem no desejo de novamente encontrar a intensidade com a qual se viveu em tempos passados, ou que se conheceu; de poder recuperar um passado distante, uma época que se considera beatífica, o tempo do “princípio”. “Como era de esperar, é sempre a

mesma luta contra o tempo, a mesma esperança de se libertar do peso do ‘Tempo morto’, do tempo que destrói e mata”.<sup>8</sup>

O mito não é algo que está preso à história, lá no passado, ele continua dizendo o que é o mundo, o que é o homem hoje, e não apenas por que num determinado momento a ciência não mais conseguiu responder ao homem a sua situação, sua condição no mundo. O mito traduz muito do que nós somos no dia-a-dia, nós falamos de coisas que são míticas. Mito não é nada mais que explicar o seu lugar, onde o homem pós-moderno vê na sua forma de contato com o mundo um constante retorno aos tempos em que a simplicidade, a harmonia e a paz reinavam livremente.

### **Referências Bibliográficas**

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. (Coleção perspectivas do homem ; 19).

\_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Coleção debates. Filosofia ;52).

HESIODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

MEUNIER, Mário. **A legenda dourada: nova mitologia clássica**. São Paulo: IBRASA, 1961. (Biblioteca histórica ; 10).

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e sociedade na Grécia antiga**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2ª ed. 1999.

---

<sup>8</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**, p. 165.

